

SEMANAL Nº 156  
13 DE NOVENHO DE 1998

# DNa

REPORTAGEM: LER PARA CRER ■ MODA: CORES DE INVERNO ■ CONTO: MARGARIDA MARINHO



# Um senhor

A HISTÓRIA DESTES HOMENS NÃO DAVA UM LIVRO. DAVA VÁRIOS. LYON DE CASTRO ATRAVESSOU O SÉCULO XX ENTRE AVENTURAS, PAIXÕES, ACTOS HERÓICOS. E LIVROS, TANTOS LIVROS. UMA ENTREVISTA LITERALMENTE HISTÓRICA. E APAIXONANTE, COMO A SUA VIDA

# Lyvon Castro

DNA Entrevista

Este homem é que é um senhor. O *«Nunca me embriaguei. Nem com vinho, nem com mu-  
lheres ou dinheiro. As revoluções fazem-se com armas. É  
senhor Europa-América. Uma longa preciso comprá-las. Para as comprar é preciso ter di-  
nheiro. Com mulheres também não. E amei. Não me em-  
conversa não chega para ouvir tu- briago com o que é moderno — o telemóvel, a internet. É  
do o que vale a pena saber da sua bom que se faça. Mas penso que resisti a tudo isto»*

vida. Mas lá que vale, vale

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CARMO  
FOTOGRAFIAS DE AUGUSTO BRÁZIO

A história deste homem não dava um livro. Dava vários. Parece ter um destino marcado desde muito menino, desatou a criar associações, grupos, brigadas, com fins culturais e políticos. Tem um heróico passado comunista, com prisões degradantes, fugas aventureiras e inumeráveis episódios de coragem. Atravessou a salto os Pirinéus, no Inverno. 80 Km a pé. Nunca fumou um cigarro. Durante a ditadura passou o cabo dos trabalhos para publicar autores demasiado aparentados ao revirafolho. Embora não fale nisso, acolheu a pequena Ivone, filha de Dias Lourenço durante uns anos. Sem reparos. Tem sangue azul, em linha directa da mais azul das monarquias, a inglesa. Costuma oferecer anonimamente livros, para Cabo Verde, Moçambique. É um dos maiores editores portugueses. Quem não teve os seus primeiros livros de bolso da Europa-América? De Kafka a Platão era o mais em conta que havia. Foi o primeiro a representar-se em Frankfurt. A meio dos anos 60 fez

um edifício megalómano que todos desdenharam pela dimensão. Hoje é um império. Continua a ter uma placa com o lema que se inventou: «Trabalho+Cultura+Livro=Progresso». Os anos suavizaram-lhe os olhos azuis, astutos. Comove-se quando conta a generosidade que outros tiveram com ele. Aos 84 anos, continua a ser um homem de vanguarda. Um resistente. De corpo inteiro.

**Nasceu-lhe cedo a veia de activista. Aos 12 anos fundou a «Liga do Amor». O que era isso?**

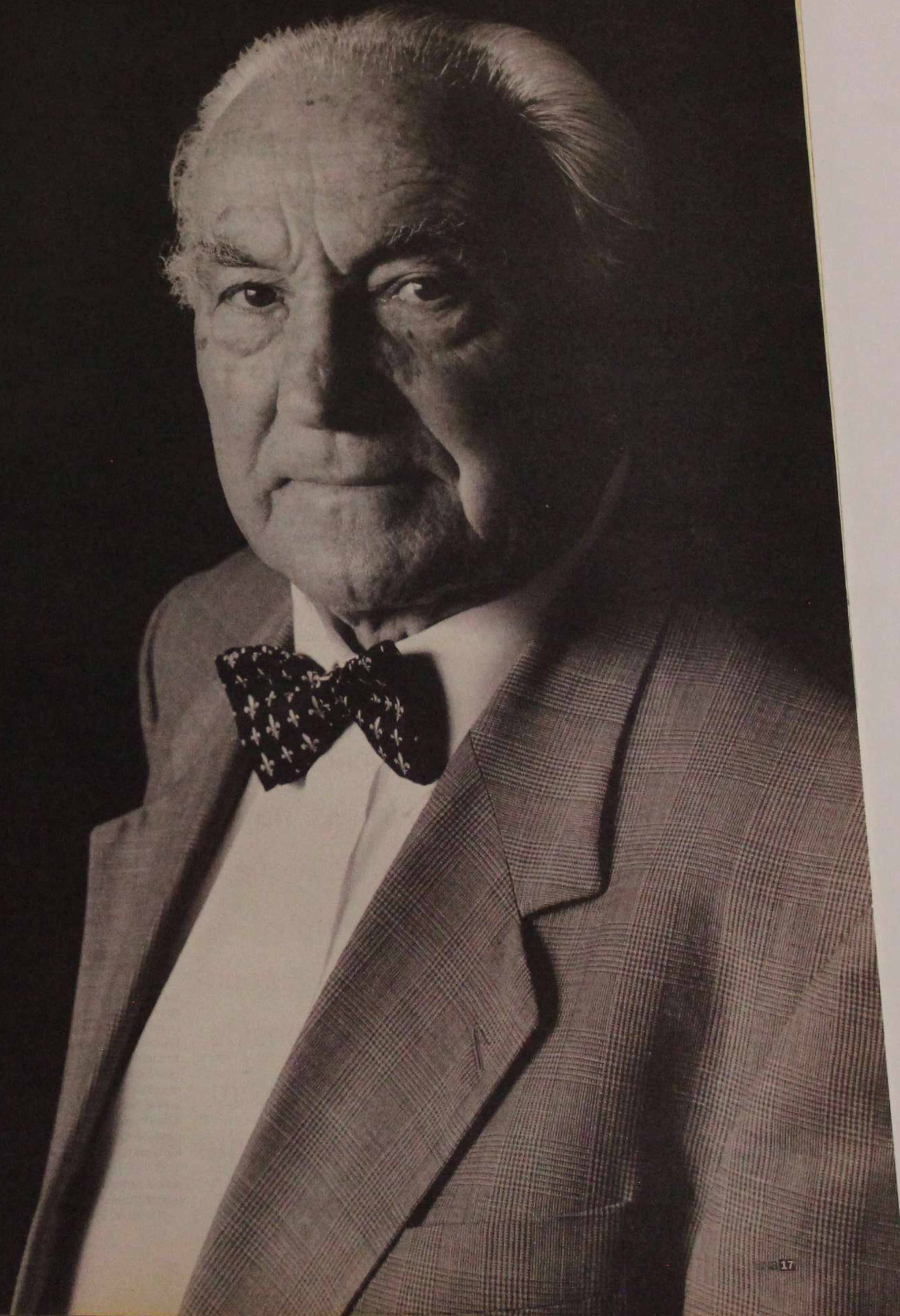
É verdade. Eu ando a estudar e vivo num bairro que tanto tem da burguesia como de bairro popular, ali nos Prazeres.

**De onde o senhor era.**

Sim. Conhecia muitos miúdos, havia ali uns pátios de uma gente trabalhadora mas muito modesta. Então eu, sob influência dos meios em que vivo, com muitos anarquistas etc, pensei que podia criar uma organização, cultural, de apoio aos meninos pobres. Pedia dinheiro às pessoas ali à volta, às lojas, famílias.

**Mas tinha 12 anos! O que fazia de «cultural»?**

Excursões. Lembro-me perfeitamente de uma visita ao Vasco da Gama, arranjei um professor, íamos aos Jerónimos, Castelo de S. Jorge. Pagávamos um lanche aos miúdos e o transporte, no carro eléctrico evidentemente.



# Lyon de Castro

**Já vinha de uma família grande: era o mais novo de nove irmãos. Eles também eram dados às letras?**

Não, eu era o benjamim e eu é que me encarregava dessas coisas. Lia muita coisa de associações estrangeiras, porque havia movimentos juvenis que me influenciavam muito, e o meu irmão José trazia-me algumas publicações, outras eu ia adquirindo aqui e ali.

**Era um destino marcado... E manifestou cedo algum espírito de liderança, pelo que vejo.**

Na prática sim. Tinha capacidade de liderança mas sem me apresentar como líder. Levava tudo isto muito a sério.

**Pai comerciante de madeiras, mãe dona de casa.**

Sim, e filha de um escocês.

**É daí que lhe vem o nome. Até se diz que é vagamente aparentado com a Rainha-Mãe de Inglaterra.**

Não sou vagamente, sou directamente. É que tenho a árvore genealógica, desde 1300 e tal, quando o rei Ricardo II considera que a família Lyon prestou grandes serviços e assim se liga a ela. O primeiro Lyon de que tenho conhecimento casa com a filha do rei. E por aí fora, até um parente em linha directa casar com a filha de um grande industrial de apelido Bowes - que impõe a adopção desse nome em último lugar. Depois a família continua e há outros elementos que acham que Lyon é que era importante. Daí a razão do apelido de hoje da rainha: Bowes-Lyon.

**Vejo que se interessa pelo assunto.**

Não, é uma curiosidade. Acredite que não me pesa nada, não ligo absolutamente nada a isso.

**Fez a escola Rodrigues Sampaio, o ensino «polivalente», onde teve uma boa formação de base, mas acaba por ir para a Imprensa Nacional, como operário. Porquê?**

Porque tinha amigos no bairro onde vivia, Prazeres, que eram funcionários lá. Havia uma escola de artes gráficas na Imprensa Nacional (IN), ir para lá era uma grande honra! Mesmo sendo operário.

**Ainda muito jovem é co-fundador da União Cultural Mocidade Livre, de cujo jornal era director. O que era?**

Em 31, fundo um jornal chamado «Mocidade Livre», que era feito por operários e estudantes, mas gente jovem. O jornal só por si, não chega, era preciso fazer qualquer coisa que se traduzia em acção. Vendemo-lo em táxis, pequenas camionetas.

**Como é que tinham dinheiro? Quem pagava, a impressão?**

Os nossos salários. Eu fiquei a dever dinheiro ao homem da tipografia, que depois fui pagando aos poucos quando o jornal acabou.

**Mas isso era tudo por fervor ideológico?**

Então por que era? Não era partido, porque ainda não há partido. Na altura comecei ainda a colaborar num jornal da província «Gazeta de Torres», feito por uns republicanos, e noutro, o «Pim Pam Pum Infantil».

**O que escrevia?**

Contos. Todos inspirados em coisas humanas: os filhos pobres que ajudam os pais, os pais que se sacrificam pelos filhos.

**Foi a União que organizou aquela série de conferências na Universidade Popular, que deu brado. Tinham um subtítulo curioso, «em prol da organização do pensamento moço»...**

Pois, quando Bento de Jesus Caraça apresentou aque-

le célebre texto «A Cultura Integral do Individuo, Problema Central do Nosso Tempo». Um livro hoje clássico, de que toda a gente fala.

**Quem é que ia a essas conferências?**

Operários e estudantes, alguns republicanos.

**Tudo homens.**

Tudo. E algumas jovens, pouquíssimas, esposas de republicanos, o que na altura já era ser muito.

**Mas essa história das conferências acabou mal.**

Foi. Estavam previstas quatro conferências, realizaram-se duas...

**Mas há aí uma coisa intrigante. Como é que um punhado de miúdos consegue catequizar gente com esta craveira? Porque Bento de Jesus Caraça já era um nome nesta altura...**

Já. Era prof universitário e vivíamos no mesmo bairro. De maneira que lhe propusemos esse ciclo de conferências, ele achou notável por ser aquele grupo de jovens, e dispôs-se a isso. Mas, enfim, a polícia apareceu na Universidade Popular, diz que acabou e não houve mais conferências. Ando à procura dessa documentação há bastante tempo...

**Dão-se alvissaras a quem souber. Foi aí que se tomou um assiduo das tertúlias culturais e políticas?**

Oh, é verdade. Eu colaborava também nesta altura no tal jornal da província, que tinha como colaboradores Brito Camacho, o Adelino da Palma Carlos, toda essa gente. Mais tarde o Palma Carlos é meu prof de português nas aulas nocturnas. Um dia estou na aula, de cabeça baixa, deslocado do ambiente. Ele chega-se ao pé de mim, viu que aquilo era um manifesto contra o regime, um papel pequeno, e diz-me simplesmente: «isso não é para ser lido aqui!» Quando mais tarde me encontra num jantar de «A Gazeta» diz-me, «então o menino estava a ler o manifesto comunista dentro da aula...». Isto é um fait divers que não tem importância nenhuma, mas é o Palma Carlos, o primeiro chefe de governo depois do 25 de Abril.

**Tem importância, pois. Dos 18 aos 20 anos está na IN e envolve-se no 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande, que foi um dos pontos altos da luta contra o fascismo. Na sequência da criação do Estatuto de Trabalho Nacional, dava-se a proibição dos sindicatos livres e a criação dos «nacionais», isto é, fascistas e de filiação obrigatória. Era isto?**

Exactamente, e dizia-se que as direcções eram eleitas democraticamente. Falso. Havia a CGT, de tendência anarco-sindicalista; a intersindical não existe ainda.

Sempre tive a preocupação de fazer coisas novas, modernas e que fiquem como exemplo. Hoje a Europa-América é considerada como exemplo, não só aqui como lá fora

da, mas o PC já existia. Havia era dentro dos sindicatos livres pequenos grupos, que são fracções comunistas. Na prática, são elementos do Partido Comunista (PC) que, estando na direcção de um organismo influenciam a vida dessa organização, porque têm unidade, actuam em comum, etc. Mais tarde estes grupos e os próprios sindicatos que estão sob a influência dos comunistas, constituem a Intersindical. E são as duas organizações que, nos finais de 33, começam a ter encontros entre si.

**Qual era o objectivo dessa frente?**

Lutar contra a fascização dos sindicatos.

**Eu ouvi falar em bombas, armas ligeiras, utensílios para cortar comunicações, é verdade?**

É. Era para a actuação, porque se ia desencadear uma greve. Com o acordo da Intersindical e da CGT. Evidentemente que os elementos comunistas que não estão em nenhum sindicato, como eu, mas estava ligado a organismo da direcção do partido, movimento-me também, integrado neste objectivo de desencadear acções que deem significado popular á greve.

**O que fazia na prática? Ia a reuniões às escondidas, encontravam-se em sítios públicos ou em casa uns dos outros?**

Encontrávamo-nos por vezes no jardim, mas reuníamos em casas particulares. Ou em certos sindicatos que não estavam sob suspeita policial, como o dos funcionários da IN. E nós reuníamos ali com o ar mais inocente deste mundo...

**Se aparecesse alguém, estavam a fazer o quê?**

A ler livros, falar, havia um pequeno bar. Mas naquela altura, na IN, predominavam elementos anarquistas, com quem eu tinha uma certa relação. Aqui, eu estou a estudar à noite e estou no partido. Não, no pré-partido!

**Quem o recrutou?**

Elementos da IN e outros que se reuniam no jardim da Patriarcal. Um deles, que depois fui eu que meti no partido, é o Júlio Fogaça.

**Mas lembra-se de um nome?**

Havia um homem de apelido Guerra, na IN, que procurava influenciar-me mas sem falar em Partido. Ainda não conseguí perceber o que vocês fizeram no 18 de Janeiro. Rebentou uma bomba? O senhor era um cabecilha ou um operacional?

Estou profundamente envolvido nisto tudo. Houve acções diversas. Havia um comité de acção em Lisboa, eu era «um dos que». Preparámos acções que permitiam que umas pessoas arranjassem maneira de ser interrompida a linha de caminho de ferro de Sintra.

**Como?**

Destruindo a ponte, que ali havia.

**Com uma bomba?**

Claro. Mas não era eu que ia fazer isso, havia um especialista. E depois cortes de linha, para evitar as comunicações. Havia 5 ou 6 elementos, todos pertencentes à célula do Cacém que eu controlava. Havia em Lisboa os que tinham de actuar junto da central eléctrica e dos carros eléctricos.

**Mas isto de certa maneira falhou. O povo não aderiu. Porquê, em sua opinião?**

Uma certa apatia, as organizações eram relativamente pequenas. Desenvolvi uma actividade muito grande, dando a sensação de que havia uma grande influência nas massas. Ora, não havia essa influência.

**O que leva mais tarde o dirigente, secretário-geral do PC, Bento Gonçalves, a chamar àquilo uma «anarquizada». Está de acordo com a designação?**

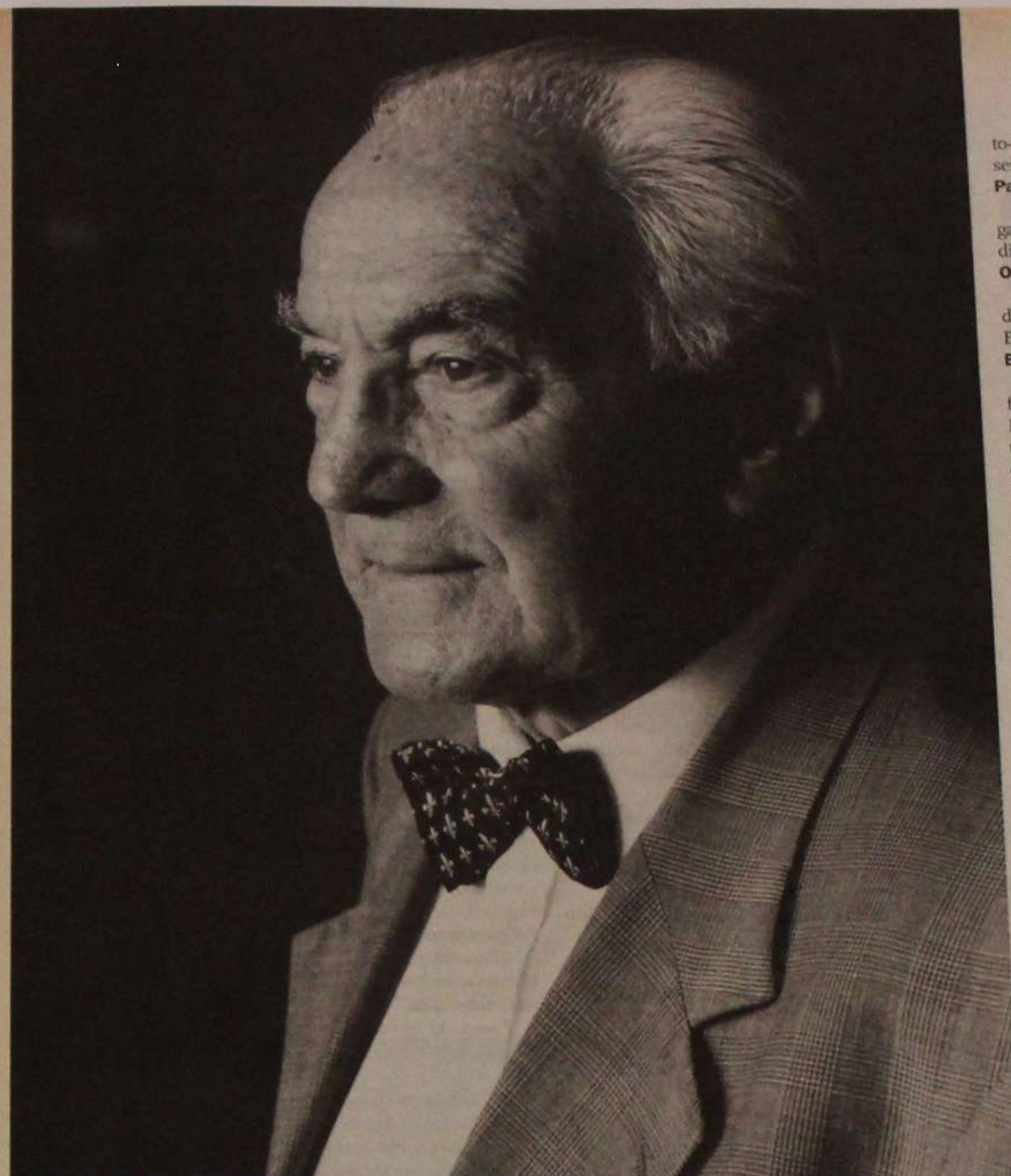
Está a por o dedo na ferida. Não há o direito de dizer isso de indivíduos que montaram uma organização a sério e que queriam lutar a sério contra a fascização dos sindicatos. Mas ele quer sobretudo atacar os anarquistas e a CGT, em oposição à intersindical. O 18 de Janeiro foi um movimento generoso. Na Marinha Grande, os trabalhadores com caçadeiras tomaram o posto da Guarda republicana, o da polícia, ocuparam fábricas e tomaram conta da população. Foi uma coisa efémera, houve luta, não morreu ninguém, mas vieram tropas de Leiria e foram presas algumas pessoas. As acções passam-se localmente e não transcendem aquele âmbito a não ser pelas notícias dos jornais: «houve um foco de greve no Alentejo, houve outro na marinha Grande».

**Portanto foi uma acção falhada?**

O 18 de Janeiro falhou absolutamente.

**Aqui já pertencia já ao PCP. O seu nome de guerra era Leonel. Porquê?**

Não há mérito nenhum nisso, mas há uma razão.



Quando estive no calabouço sozinho tinha um pedaço de espelho — que era proibido, para as pessoas não se suicidarem. Pegava nele e falava comigo. «Chico, aguenta-te!». Cantava muito. Mas nunca me queixando da prisão. Nunca me queixei, nem hoje me queixo

Lyon, Leonel, muita gente diz Leon, e por outro lado porque Leonel era um nome comum. Quando escrevo, de Espanha, para publicações clandestinas do partido, para o Fogaça que está já na direcção, assino Leonel. E vai para Espanha na sequência do 18 de Janeiro. Tem de fugir.

Tenho. Porque foram presos diversos elementos no Cacém, inclusive um comandante dos bombeiros, que pertencia à célula do partido. Eu admitia que andavam atrás de mim. Porque um deles falou de mim.

**Sabe quem foi?**

Suponho que foi um operário de Campo Ourique. Por conseguinte, decido ir-me embora: assim que me certifiquei de que fui denunciado era fácil apanharem-me.

**Como foi? A salto?**

Não, primeiro fui para casa de um tio. Um irmão meu, o Dionísio, era maçom. Eu suspeitava que era maçom. Mandei-lhe um recado para se encontrar comigo num determinado local- ele não sabia do meu envolvimento nestes momentos. Então disse-lhe —«tenho de sair, por razões que tu calculas facilmente». Ele tomou contacto com um lavrador do Alentejo, Redondo, e disse-me que tinha às tantas horas uma pessoa à minha espera para apanhar uma camioneta para Évora- tinha o bilhete já e tudo. Depois em Évora tomei outra camioneta indicada por uma outra pessoa de lá, um maçom. Estava marcado por um jornal, etc. Tornei outra camioneta para Redondo, e lá dirigi-me a outra pessoa.

**Tinha esses contactos todos escritos?**

Nem pensar nisso, fixava-os! Quando chegasse ao Redondo haveria de aparecer alguém.

**Parece um filme de aventuras.**

Parece. Há um cavaleiro de bigode, tipo de uns 50 e tal anos- «o sr veio de Évora, não foi? Então, eu sou uma pessoa sua amiga», e levou-me para casa dele, uma casa patriarcal.

**Tem alguma ligação com a maçonaria?**

Não. Fui solicitado várias vezes para entrar. Mas eu digo-lhe por que não... não diga isto de uma maneira especial porque eu tenho muitos amigos maçons- o Soares, o filho, o Rego, o Guterres não sei, os seus sentimentos cristãos talvez o impeçam, mas sabe que há muitos católicos que são maçons, bispos inclusivamente. Era maçom o presidente que precedeu o Américo Thomas, o general Carmona, sabia? Eu só me disporia a pertencer a uma organização em que a vida particular das pessoas e o comportamento público e social corresponda aos ideais que dizem ter. Com eu sei que os católicos, mas também os protestantes, uns são criminosos, outros gatuos, outros pessoas sérias, outros enganam o pessoal, outros são bons patrões...

**Foram então as redes da maçonaria que o conduziram. Lembra-se do nome das pessoas?**

Não, nem tenho que me lembrar. Toda a rede conhecia o meu irmão. As 4 da manhã acordam-me, vis-

to-me arranjo-me e vou numa carroça. Para onde, não sei. Sei que vou para o Guadiana.

**Para a raia. Não pergunta?**

Não. Nem o homem da carroça sabia. Quando chegamos perto do Guadiana, ele diz-me, «atravessa o Guadiana, encontra uma casa e diz que vai daqui».

**O que é que eles contrabandeavam?**

Tabaco para o lado de cá e café para o lado de lá. E dali fui de manhã para uma camioneta que me levou a Badajoz, onde deveria contactar com o PC.

**Entretanto vinha bem comido, bem dormido?**

Não, tudo improvisado. Só tinha um lanche que me foi dado para fazer a viagem de Badajoz para Madrid. Mas eu estou em Badajoz indocumentado. Então, tinha todos os cuidados. Fui lá, os tipos receberam-me, disse coisas que me identificavam como pessoa de dentro...

**Que tipo de coisas?**

Sou do PC português, mostro que conheço o aparelho, os lugares de passagem, o jornal «O Mundo Obrero». Prepararam-me um lanche, compraram-me um bilhete para o comboio, onde tinha que estar às tantas horas. Mas tenho que ter cuidado para furtar-me à polícia do comboio e àqueles do capacete, a guarda Civil.

**Devia ir com o coração aos pulos, não?**

Ai, ai sim. Mas a certo momento, estava eu na terceira classe, evidentemente, quando verifico que ia uma família com um dos membros fardado de Guarda Civil. São dois homens, duas mulheres, alguns miúdos. O que é que eu faço? Sento-me num sítio onde cabia, abro o meu farnel e ofereço à família do guarda civil. Insisto, insisto, eles que não, que iam comer daí a bocado- porque quanto mais tempo ali estivesse e mantivesse aquela relação mais hipóteses eu tinha. Bom, eles não quiseram, mas daí a bocado abrem o seu cesto, estendem a toalha no colo e oferecem-me. Eu aceito. E nessa altura veio a polícia. «Como va usted?» para o guarda civil, que vinha fardado.

**E o sr estava no núcleo deles! Que ideia inspirada. Não teve medo quando a polícia apareceu?**

Não! Ai pensei, estou salvo! Naquele momento familiar, eu estou ali, calado... Não fui parvo...Cheguei a Madrid. Um ano antes tinha lá ido. Meti conversa com um homem que vendia jornais na Calle Alcalá. Percebi que era português, tinha sido operário do Arsenal da Marinha e, às tantas, percebi que era ou tinha sido do PC. Então, o mesmo esquema. Falei de A, B e C e de pessoas que...supunha que ele conhecia. Não era um Manuel qualquer, eram aquelas pessoas. Quando um ano depois chego a Madrid, não conheço lá ninguém...vou bater-lhe à porta. Olhe, agora venho para ficar. «Porquê, sr. Castro?». É que estive envolvido no 18 de Janeiro...«Então é camarada!». Ele era. Parecia que já nos conhecíamos há que tempos, e ele apresentou-me a umas pessoas, duas delas do PC, que foram os principais elementos do 18 de Janeiro na Marinha Grande, o José Gregório, que morreu, e o Manuel Domingos, que veio a ser assassinado em Portugal, antes do 25 de Abril...Não me pergunte quem é que o matou.

**Mas sabe?**

Deduzo. Convivi com eles, fizemos muito boa relação, e passei a receber um dinheiro de camaradas da IN e da minha família.

**Em Madrid dá-se com gente ilustríssima, além destes que nomeou. Santiago Carrillo, Federico Garcia Lorca, a Pasionaria...**

Repare que eu acabo de chegar. Conheço-os a todos. Conheço o poeta Rafael Alberti, a mulher, Maria Teresa Lyon...

**O Lorca era tão bonito como dizem as fotografias?**

Era, tinha uma fisionomia agradável.

**É nesta altura que faz parte de um jornal: o «Bolchevique». Um nome pouco discreto.**

Era um jornal para os elementos do PC português. Eu e mais alguém redigia-o. Sabe que tenho um exemplar do jornal, que está nas mãos do Pacheco Pereira, ele encontrou-o em Moscovo, não sei se na antiga sede da internacional comunista, se noutros lados.

**O que é que escrevia?**

Incitamentos, esclarecimentos, informação sobre Portugal que eu recebia...o «Bolchevique» tinha uma razão de ser. Tinha que ver com os que fizeram a revolução russa, claro, mas com uma posição mais ortodoxa, no plano revolucionário.

**A chamada linha dura?**

Se quiser. Mas ali também não havia linha mole...Não havia mais ninguém senão nós, 4 pessoas que fazíamos,

# Lyon de Castro

**Participou nalgum?**  
Sim, muitos, em Peniche, Angra. Faziamos-os a horas em que os guardas não passavam. Depois circulávamos. **Quantas páginas tinham?**  
Quatro, 8, fazer 8 páginas em letras escritas à mão, veja o que é. Há um homem que está preso em Alcântara, sozinho, e faz um jornal. É a mãe que o traz cá para fora. Eu tive-o. É um dos que entreguei a Henri Barbusse. Isto não tem nenhum efeito revolucionário, mas faz parte da História dele. Tudo isto se vivia intensamente.

**Sento-se pelo seu tom, ainda hoje. Vai para França porquê?**

Decidiu-se que eu iria para Moscovo. Havia o Instituto Marx e Engels, para onde tinham ido os militantes portugueses, não muitos, uma elite, se quiser, mas também operários e tipos do Alentejo. José Gregório e o Manuel Domingos mais tarde, estando em Espanha, foram também para Paris - para seguir para Moscovo, como eu. **A sua passagem para França é uma história extraordinária, aliás contada em livro pelo Fernando Namora («Os Clandestinos»).** Conta a lenda que andou 80 Km a pé para atravessar os Pirinéus, no Inverno...Tinha de ser assim?

Eu tenho de ir clandestinamente. De Madrid, onde vivo, vou para Valência e Figueras. Depois fui de táxi, mais um homem e uma rapariga - continuo sem documentos, não posso comprar um bilhete de comboio - pelos caminhos invios que o partido conhece.

**Que caminhos invios eram esses?**

Aqueles que ninguém percorre, de mato, de árvores, sem estradas, fora dos circuitos correntes da Guarda Civil do lado de cá, e da Gendarmérie do lado de lá.

**la carregado?**

Não, levo uma coisa a tiracolo que é uma manta, um

uns 50 a 100 exemplares, enviávamos para Portugal, outros para Moscovo e alguns para Paris. Mas em Madrid havia um grupo de republicanos lá emigrados, os chamados «Budás». O Jaime Cortesão e o irmão, e outros.

**Relacionava-se com eles?**

Pouco. Quem se relacionava mais eram os que recebiam subsídio deles. E eu aí conheci um homem chamado Joaquim Pires Jorge. Republicano, recebia subsídio deles...acabei por recrutá-lo para o PC. Mais tarde veio para Portugal e fez parte do comité central.

**Teve pois um papel histórico, nas várias direcções do PC, Fogaça, agora Pires Jorge... Essa sua relação com os Budás dá em alguma coisa?**

Bem conhecia várias pessoas, um Francisco Miguel, elemento do comité central na altura do 18 de Janeiro. Eles preparam um movimento para Portugal, em que estavam envolvidos republicanos, elementos com dinheiro, um movimento militar, há um núcleo na Galiza que vai ser o elemento principal. Eu sabia pouca coisa, o essencial. Mais tarde sim, quando há esse movimento das Astúrias. Foram parar às mãos de uma determinada pessoa, munições. Elas foram-me dadas a mim e eu deixei-as a um elemento do PC, oficial do Exército espanhol. **Arriscou-se.**

**Eu?...Olhe que não tenho documentos, ando com uma boina, vestido com simplicidade, de alpergatas que é o que toda a gente usava. Não trabalhava legalmente. Esses dois elementos da Marinha Grande tinham muito jeito para fazer pintura em bilhas, e eu ajudava-os. Eram cozidas e vendidas em mercados, para se ganhar algum dinheiro, sobretudo para eles.**

**Mas o partido mandava-lhe dinheiro?**

Não. Era a minha família, camaradas da IN davam um subsídio e o «Socorro Vermelho» alguma coisa.

**Madrid era quente na época...**

Quentíssimo. Há assaltos a grupos e há milícias organizadas. Com treino militar. O PC faz isso, o PS também, e os espanhóis também, dirigidos pelo Primo de Rivera. Uma das pessoas que andava na rua, a dirigir grupos de vendedores de jornais da falange espanhola, era a irmã dele, do Rivera. Há hoje uma «Calles» com o nome dele...Quem fez a canção para as milícias comunistas foi o Rafael Alberti - é a primeira vez que eu digo isto.

**Lembra-se da canção?**

Se fizer um esforço vou lá. E foi também ele que fez uma canção a Thelmann, líder do PC alemão, que está preso. Há duas peças de Alberti de poesia militante, se quiser, o hino das milícias comunistas e uma canção dedicada a Thelmann.

**Na altura cantava, vibrava com essas músicas?**

Ah isso sim! Participava muito e cantava nos desfiles e nas festas populares. Outra das coisas que fizemos em Madrid foi o Congresso das Juventudes Comunistas, onde organizámos um stand com jornais portugueses, de prisão e clandestinos.

**Onde é que isso anda? O «Monde» vem a publicar alguns, não é?**

Deve estar em Moscovo. São preciosidades. Em Paris fui à redacção do «Monde», de Henri Barbusse, e dei-lhos para ele - me devolver: foi sensacional, teve impacto porque era uma coisa inédita. Não nos devolveu...Sabe o que é um jornal de prisão? Faz-se com coisas dactilográficas, a defender determinadas coisas, à mão, os cabeçalhos muito bem pintadinhos.

Continuo a passear com Mário Soares. Vou para um apartamento que há lá na Torralta, e depois encontramos-nos. Olhe que fazemos quilómetros a pé. Conhece Alvor? A praia é longa. Fazemos ir e voltar

pequeno embrulho e nada mais.

**A rapariga vai consigo até onde?**

Até França. Passa gente para lá e o contrário. Tudo menos fumar. A luz do cigarro na noite vê-se a grandes distâncias. Mesmo assim andámos muito. Vou preocupado. O que eu sei é que se sou apanhado, estou tramado! Vou preso, e onde é que vou parar? A Portugal! **Regressou em Outubro de 35. Mas em Paris não foi para Moscovo porquê?**

Havia lá um homem de que o Pacheco Pereira fala muito, o Francisco Paula de Oliveira...Saiu ontem um artigo no DN, Mário Soares telefonou-me a avisar... **Continuam a fazer aquelas longas passeatas no Algarve?**

Sim, vou para um apartamento que há lá na Torralta, e depois encontramos-nos. Olhe que fazemos quilómetros a pé. Conhece Alvor? A praia é longa. Fazemos ir e voltar.

**Assim é que mantém a boa fofal?**

Estou com 84 anos. Voltando a Moscovo vou-lhe explicar por que não fui. Francisco Paula de Oliveira - o Pavel, uma figura do romance de Maximo Gorki - é delegado de Portugal na Internacional Comunista, e diz-me «Em Portugal é que é a luta». Eu digo, «pois, também não é em Moscovo. A dimensão dos muros do Kremlin impressiona. E tu já estás impressionado. Mas eu vou para Portugal». Vou para casa de João Seguro, cujo pseudónimo era Praxedes, nome inventado por ele.

**Depois vem para Portugal e um mês depois de chegar foi preso na Fontes Pereira de Melo. Foi denunciado?**

Não, iam os 3 e um deles deitou um papel para o chão com a suspeita de que uns que vinham atrás eram da polícia. E na realidade eram da PIDE, o papel era um manifesto. De modo que fomos imediatamente presos, depois interrogatórios, espancamentos.

**Foi espancado?**

Claro, porque eu negava. Depois fui para o Aljube. **Depois para Peniche. E foi inaugurar o Forte de Caxias, salvo seja.**

É verdade, os primeiros preso políticos fomos nós. Mas estivemos lá pouco tempo, porque o barco veio buscar-nos.

**Foi deportado para Angra do Heroísmo.**

Uns foram para o Tarrafal e eu fui para Angra. **Cinco anos são muitos dias e muitas horas para se estar preso. Sei que esteve por vezes em circunstâncias muito difíceis, na «Poterna» e nas «portas falsas», que não sei muito bem o que é...**

A Poterna é assim, tem um papel? (faz um desenho) Isto é a montanha, está escavado um túnel, tem 50/60 metros, fechado aqui, com uma porta de ferro e outra de madeira. Aqui degraus. Eram 20 e tal. Há humidade contínua. Nós éramos metidos aqui, há umas grades em cima para entrar luz. Cheguei a estar uma vez com 23 pessoas. Está aqui uma parede que vai dar para o mar, mas é longe, e nós deitávamos aqui. Os que fumam acendem fósforos, eu não acendo, há vários a fumar. E quando nos levantamos... o chão está seco. Está a perceber? A humidade entrou nos corpos! Não tinhamos cobertores, não tinhamos nada, iam buscar-nos às celas ou à caserna e vínhamos como estávamos.

**Para castigo?**

Neste caso, sim. As «portas falsas» são uma construção primária, um buraco, uma cova aberta na rocha. Portas falsas porque aquilo não são portas: simulam portas. Eu fui lá posto várias vezes.

**É a imagem do terror. Claustrofobia total.**

É, é. Sobretudo aqui que há falta de ar, à tarde já não tem luz, portanto não se vê nada. Só acendendo fósforos. Um dia estivemos na Poterna 20 e tal dias. As nossas necessidades são feitas aqui. Não tinhamos nenhuma instalação sanitária. E a comida é posta aqui, numa coisa de folha grande, tudo junto.

**O que comiam?**

Bacalhau, muitas vezes com bicho. Feijão, estragado. Aqui é a parada, além prédios onde vivem os familiares dos funcionários da prisão e está este muro a separar. Aqui é a zona civilizada: a dos criminosos. E aqui há soldados armados. Quando vamos aqui debaixo de forma, estava a meu lado um homem a quem eu ensinei a ler, o Lamadão - tanta tarefa que apanhou depois. **Aí também havia espancamentos? Se já lá estavam presos e desterrados...**

Sim, sim, se éramos apanhados a fazer transmissões de uma camarata para outra. Nós fizemos uma organização militar lá dentro.

**Uma organização militar como?**

Tinha havido um atentado ao Salazar, em Lisboa, feito por um anarquista, Emílio Santana. E meu amigo. E o clima, que é de uma relativa paz, mudou. Cria-se uma atmosfera tensa, e pensamos: qualquer dia há aqui uma provocação e nós somos massacrados. Temos de nos defender. Constituímos um comité, na sala onde eu estava, que tinha de coordenar a actuação - se a houvesse. Estabelecer relações, constituir brigadas, que actuassem segundo instruções, para irem buscar as armas, segurar soldados, etc. Através de um dos soldados con-

Tinhamos um grupo, todos do PC, porque havia mais confiança.

**Nunca teve vontade de morrer, quando estava lá preso? Nunca desesperou?**

Não. Nunca.

**Como aguentava?**

Vou dizer-lhe. Tudo tinha como ponto de partida eu saber que a minha vida não é a de cá de fora. Não é a vida de família, nem nada.

**Não era ainda casado.**

Pouco depois de chegar a Angra, casei-me por procuração - tenho até uma foto da minha mulher com o meu irmão ao lado, no dia do casamento. Portanto, a minha vida é lá dentro. As camas estão viradas para as paredes. Na parte de baixo do ferro da cama, se se subisse, via-se uma parte da montanha e até do mar - nunca subi aí. Nunca.

**Estava conformado com a ideia de estar preso?**

Eu estou lá dentro. Tenho é de governar a minha vida lá dentro.

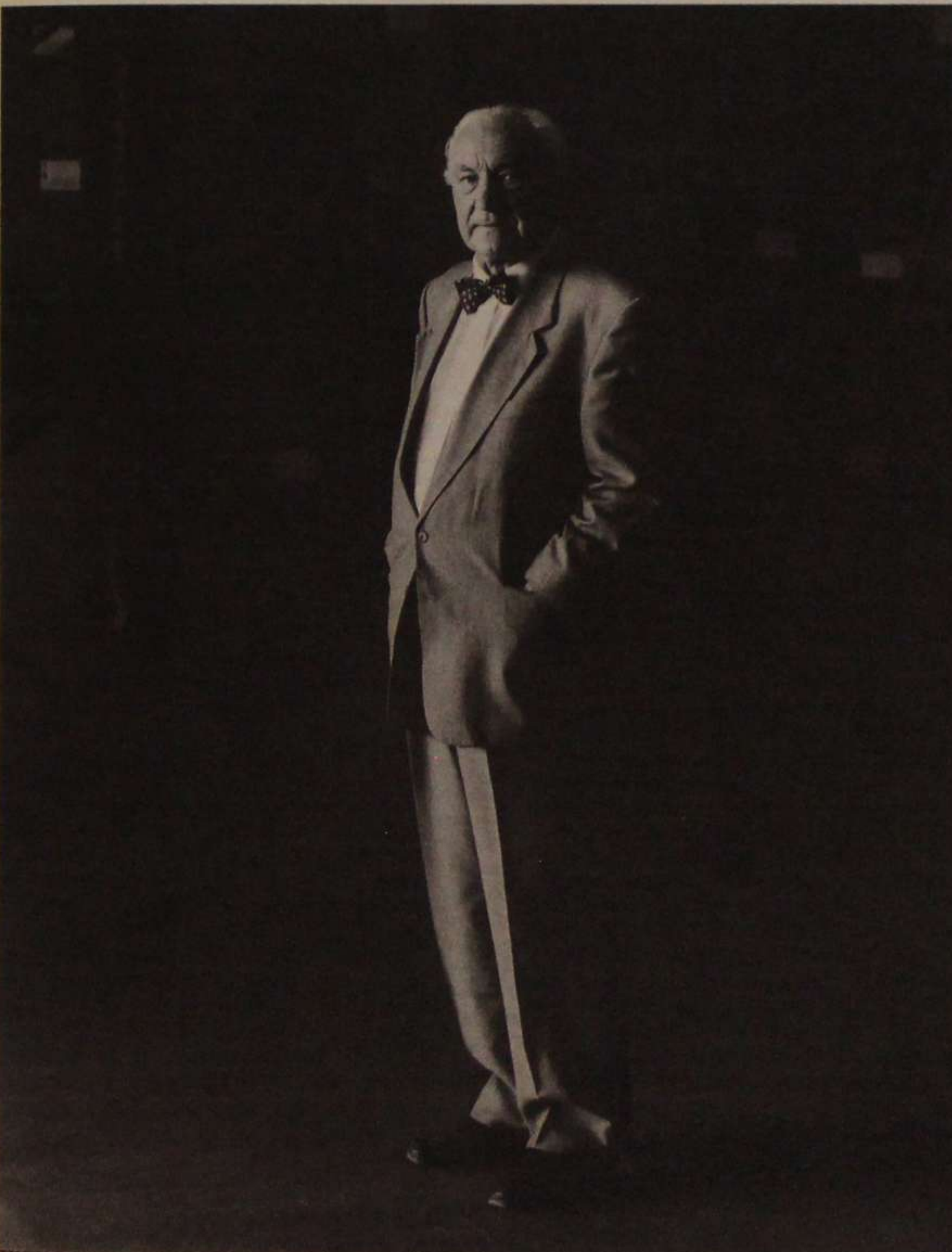
**Nunca pensou em fugir?**

Só em Peniche, uma vez, mas não foi avante. Mas em Angra, nunca contei o tempo que tinha de prisão. Fui condenado a quatro anos de degredo.

**Qual foi a acusação?**

Pertencer a organizações clandestinas, o PC. Embora não me tivessem encontrado nenhum documento, acusavam-me disso. O que era verdade. Mas para eles não era verdade nem mentira. Não sabiam. Portanto, não interes-

Ele apresentou-me a umas pessoas, duas delas do PC, que foram os principais elementos do 18 de Janeiro na Marinha Grande, o José Gregório, que morreu, e o Manuel Domingos, que veio a ser assassinado em Portugal, antes do 25 de Abril...Não me pergunte quem o matou



sa contar o tempo que tenho de prisão nem o que falta. Porque eu sei que é aleatório. Estão presas pessoas sem culpa formada, e mesmo os que estão acusados como eu, saem quando eles querem. Não adiantava nada, pois, estar a martirizar-me. Então, levanto-me muito cedo, faço ginástica, tomo banho e depois começo a passear, até vir o rancho. Depois do rancho, dou aulas.

**E essa disciplina que o aguenta?**

Auto-disciplina. Quando estive no calabouço sozinho tinha um pedaço de espelho - que era proibido, para as pessoas não se suicidarem. Pegava nele e falava comigo. «Chico, aguenta-tel». Esta e outras frases eram uma espécie de auto-mensagem. Cantava muito. Mas nunca me queixando da prisão. Nunca me queixei, nem hoje me queixo.

**Há no entanto essa nota bonita de casar.**

Isso sim. Já namorávamos. Ela era filha de um pastor protestante. Saiu de casa dos pais. Por correspondência tratámos do casamento, da procuração. **Também é precisa muita coragem da parte dela, casar assim com um preso político, com uma incógnita por futuro.**

Extraordinária. Extraordinária. Sem saber o que se ia passar. Foi de uma fidelidade ao tipo de relação que nós tínhamos...! De marido e mulher que se amavam, mas também de reconhecimento recíproco da situação: eu com a consciência do sacrifício que ela faz, e ela com a consciência da minha luta. As minhas cartas para fora são cheias de coragem. A polícia ficava fúria, vim a saber depois.

**Em Maio de 1945, ano e mês em que acaba a guerra, nascem as Publicações Europa-América. É conhecida a história deste nome pelo que preferia perguntar-lhe pelos seus primeiros riscos. Foi o primeiro a publicar Jorge Amado, «Gabriela Argo e Canela»...**

Fizemos correr entre as pessoas amigas que ia haver uma sessão de autógrafos na SNBA. Como eu receava a intervenção da PIDE combinei com a Beatriz Costa, que era filha do Jorge Amado e tinha um sobrinho oficial da polícia, que este viesse, com um piquete, para se ver que havia ali uma intervenção oficial da polícia. A PIDE acabou por não aparecer.

**A sorte protege mesmo os audazes?**

Acredito nisso. A teoria que eu utilizei diante do chefe de gabinete do Salazar para publicar a «Gabriela» foi: «O Jorge Amado é o maior escritor de língua portuguesa». Falava-se da hipótese de ele ter o Prémio Nobel - não fazia sentido que o Nobel da língua portuguesa estivesse proibido em Portugal». Arrisquei. O que é que eu arrisco? Nada. E não esgotei uma possibilidade.

**Nunca lhe chamaram maluco?**

Um pouco, um pouco. (Mostra uma foto): Jorge Amado, Ferreira de Castro, Álvaro Salema, Cardoso Pires, Maria Lamas, Redol, eu...o jantanzito de recepção era este estado maior...Quem é este senhor? Da polícia política. E este? Também. E este aqui?

**Rosa Casaco! Diferente, ainda sem as barbas e o cabelo branco, mas é ele. Estavam completamente rodoados.**

Pois. Mas não fizemos nada de mal. Todas as mesas à volta tinham pides, à saída fomos todos revistados e interrogados, mas ninguém foi preso.

**Sentiu que eles estavam ali?**

Sim, sim, era fácil. O Rosa Casaco conhecia eu...

**Ele interrogou-o?**

Não, mas já na altura era muito conhecido. Era também o fotógrafo oficial de Salazar. Sabe com quem ele aprendeu fotografia, vim a saber mais tarde? Com um irmão meu, Adelino Lyon de Castro, que era um fotógrafo extraordinário, ganhou imensos prémios. No Ateu havia um curso de foto, e convidaram-no para fazer pequenas palestras. Uma das pessoas que ia assistir era o Rosa Casaco.

**As voltas que a vida dá. Vejo que gosta de guardar coisas. Quantos livros tem em casa?**

Uns milhares, não tantos como o Mário Soares, que deve ter 50 mil. Tenho, em duas casas, uns 7, 8 mil livros. A Colecção sobre Portugal Moderno antes do 25 de Abril.

**Ensaio é o que gosta mais de ler?**

Sim, nada de romances. Ideias, actualidade. Tenho uma grande colecção sobre Espanha, guerra civil, poesia alguma coisa, romance também, mas o que me interessa além da qualidade literária, é a temática.

**Publicou imensos escritores «subversivos» quando mais ninguém o fazia. Quer contar a história do Alves Redol?**

# Lyvon de Castro

Sou um homem que ama a liberdade, a democracia. Fico muito desgostoso com certas coisas que se fazem por estratégia partidária. Como fui militante político no período pré-democracia, adquiri certa maneira de conceber as coisas que faz com que reaja a certas coisas. Quais?

O uso do poder, o dinheiro, o desejo de ganhar mais, ocupar lugares importantes para benefício pessoal, etc. Eu, durante toda a minha actividade política só dei, não recebi. E dar não tem para mim outro significado senão estar a contribuir.

Não fala do seus tempos de comunista com grande mágoa, curiosamente.

Não. Foi uma grande experiência da vida, um período que correspondia a um certo movimento vanguardista e eu fiz o que pude. No pacto germano-soviético - mais que um balde de água fria - comecei a perceber que a união Soviética não era o tal farol. Diziam-me que o Estaline era um grande estratega... não, não, era um casamento contra-natura.

Não sentiu um vazio com o abandono, depois desse envolvimento todo?

Não, porque eu tinha convicções acerca da mudança do mundo, uma coisa ideal.

Continua a ter? O 25 de Abril cumpriu a esperança que abriu?

Continuo, sim. Cumpriu no essencial: há uma modificação grande na vida do país. O grande desenvolvimento da província vem da competição entre partidos na direcção das regiões, câmaras. Quem vive só no literal não se apercebe.

No 25 de Abril não teve problemas como pai?

Um pequeno movimento, duas ou três pessoas só, mas eu tenho documentos dos trabalhadores dizendo que estão contra os patrões, mas que esta era uma empresa bem dirigida, «ganhamos razoavelmente bem, somos pagos em dia, é uma empresa moderna»...

Mas olhe que é um pouco paradoxal: não há-de haver

muitos capitalistas como o senhor com o seu passado de resistente...

Não há, não. O que há é uma linha de continuidade.

Ai já é um editor conhecido, nacional e internacionalmente. É o primeiro representante português em Frankfurt. Consta que instaurou quase de birra a bandeira nacional... Mas um dia, numa violenta comunicação que fez em Barcelona denuncia a censura em Portugal. E bem lhe amargou as consequências...

Não foi logo. Mais tarde, vou a Washington, e nesse congresso e volto a apelar à união de todos para defender a liberdade de publicação. Isto é 66. Um dia estão lá uns senhores para falar comigo. São 5 ou 6, inspectores das actividades económicas. Querem fazer uma busca à casa. Ainda tenho uma listagem das perguntas... A certa altura pediram as contas e queriam ir aos bancos, o que era proibido. Não encontraram nada. Passados 3 ou 4 dias uma brigada da PIDE leva tudo o que estava no armazém.

Sem lhe darem cavaco. Dizem que vão levar os livros para examinar. Dias depois aparece uma comunicação da censura a dizer que estão proibidos 23 livros.

Nessa lista está o «ABC da Culinária», coisa do mais subversivo.

Está a ver? Estão também livros do Jorge Amado.

Portanto percebeu que era só para o prejudicar. Gra-tuitamente.

Completamente. Acontece que, tirando esses 23 livros, eu não tenho novidades. Levaram tudo. Redol, Namora, tudo o que tinha acabado de sair.

Com 73 mil livros apreendidos, como é não foi a falência?

Fiz o seguinte: o pessoal que está no 3º andar veio para o 2º. Em cima deixamos de gastar luz, papel. Os carros que iam 2 e 3 vezes ao correio, passaram a ir uma só, enfim tomei várias medidas desse género, e expliquei ao pessoal o que se tinha passado. Escrevi aos bancos, e particularmente ao banco Lisboa e Açores, com quem o Amadeu Gaudêncio tem relações (ele foi o homem que me ajudou a construir o edifício sede, alguém a quem me liguei fraternalmente, um grande homem). Dizia: «A minha casa foi objecto de uma acção policial, pela censura. Mas vai continuar a existir. Desejo que os senhores sejam compreensivos e não me compliquem a vida»... Sou chamado a 3 ou 4 bancos e penso que vão dizer-me «a casa não pode continuar». Disseram-me «vamos fazer o que pudermos».

Que bom. Também teve uns bons presentes da vida.

(os olhos brilham-me muito, muito). Um banco não vai dizer «vamos apoiar». Formidável! Mas há ainda uma coisa: um advogado muito conhecido, salazarista, Bustorff Silva, é presidente do conselho de administração do banco. Na reunião em que se vai discutir este problema, ele que é um homem conotado com o regime, diz «enquanto eu estiver à frente deste banco... não se dá nenhuma informação nem sobre Amadeu Gaudêncio nem sobre o sr Lyvon de Castro». ... (some-se-lhe a voz) Formidável.

Ai entrou a sua audácia. Podia tentar esconder esse enorme revés, mas atirou-se para a frente.

Fiz exactamente ao contrário. No primeiro dia em que a polícia lá esteve, o Fernando Namora foi visitar-me. Abraça-se a mim: «então Chico, os gajos cá vieram, hem? Chico, vai-te embora. Vai para o Brasil, tu não te agentas aqui, os tipos não te perdoam, nunca mais consegues fazer nada. Lá tu fazes a maior editora».

Nunca lhe passou isso pela cabeça?

Não. Eu de pé e ele sentado. «Fernando, eu vou ficar. Vou resistir. Só preciso de uma coisa - era o que dizia quando estava no calabouço. Saúde». Com saúde eu é que ganho a partida. Eles vão-se embora e eu vou ficar. Só muitos anos depois disso sucedeu.

Isso deve dar-lhe um duplo orgulho na editora que (man)tem. Quanto custou este edifício de Sintra?

Fazê-lo foi marco. Foi construído entre 62 e 64, utilizando o dinheiro que ganhei com o Chester. Já na altura ficou em muitos milhares de contos. Pensava crescer e ficar. Como uma amostra daquilo que se pode ser, se se quer servir o país e fazer algo de novo na actividade que se exerce.

O querer o circuito todo é um desejo de quê? De controlo total?

É um desejo de influencia em todas os aspectos da vida do livro. E além disso eu estou a 14 km de Lisboa, não havia ali mais nada à volta. Sempre tive a preocupa-

ção de fazer coisas novas e modernas e que fiquem, como exemplo. Hoje a Europa-América é considerada como exemplo, não só aqui como lá fora.

Sempre acreditou num mundo melhor?

Sempre. Racionalmente. Podendo enganar-me. Já fez muitos erros na sua actividade?

Vários erros. Mais num plano especial da vida que não vale a pena estar a contar. E erros cometidos por causa da minha formação.

Para armarmos os dados sobre a dimensão actual da Europa-América, sabe dizer-me quantos trabalhadores, quantos títulos edita por ano e quanto factura?

No conjunto são mais de 300 trabalhadores, 150 na Gráfica. 13 livrarias. Publicamos entre 15 a 20 novidades por mês, o que dá cerca de 300 livros por ano. É uma grande produção editorial, mesmo na Europa. A Gráfica factura, entre 500 mil e cerca de um milhão de contos anualmente. A E-A faz mais um ou dois. Temos é um grande leque de colecções, 30 e tal.

Como é possível ser-se editor de sucesso num país que não lê?

Temos uma máquina comercial muito importante. Procuramos vender livros em toda a parte onde seja possível. Exemplo: tentámos vender uma grande colecção de enfermagem em farmácias.

O seu papel na edição e na cultura portuguesa é incontestável e incontestado, mas não há muito consenso em relação à Europa-América. Acusam-no da falta de qualidade da tradução, por exemplo.

Nos temos dificuldade em encontrar tradutores de qualidade. Quando publicamos 15 a 20 livros por mês, precisamos de estar a preparar livros para os próximos 4 ou 5 meses. É um grande núcleo...Mesmo assim estamos a cuidar mais disso, há uma melhoria nesse comércio que fazem.

Não acha que está a produzir de mais para a qualidade que pode assegurar?

Esse é um problema que discutimos dentro da editora. Pensam que para alimentar a gráfica é preciso es-

ta a produzir livros, mesmo sem interesse. Não. Há um critério de qualidade. Enganamo-nos muita vez, é certo, mas temos um bom núcleo de autores, sobretudo estrangeiros.

É o senhor que manda na linha editorial?

Não. Durante muitos anos fui. Hoje é o meu filho e um dos meus netos que se ocupam desse sector. O outro neto chefia a gráfica.

Então o que faz hoje na Europa-América? É ainda o gestor geral?

Na prática, sim. Sou muito consultado. Coisas de estratégia comercial, certo tipo de relações, é o meu papel.

Sabe quanto ganha um trabalhador da sua gráfica?

Não. Não estou a par dos salários, hoje em dia. Nem quero estar. Digo ao meu filho que é necessário salvaguardar certas coisas, mas ele que faça como entender.

É preciso ser um «tubarão», se me permite a expressão, para apanhar os melhores direitos?

Ah eu luto ferozmente. Bato-me furiosamente como se tivesse 40 ou 50 anos, para conseguir determinados livros que considero muito importantes. Vou publicar o melhor livro que há sobre Lenine, tenho muito orgulho nisso. É um documento insubstituível. Bati-me por esse livro. É um serviço que eu vou prestar à cultura.

Quais são as qualidades que mais admira?

Lealdade a um determinada posição, a defesa da liberdade intransigente, a fidelidade à amizade em todas as circunstâncias... Tenho muito boas relações entre pes-

No dia em que a polícia lá esteve, o Fernando

Namora foi visitar-me.

Abraça-se a mim: «então

Chico, os gajos cá vieram, hem? Vai para o

Brasil, os tipos não te perdoam,

nunca mais consegues fazer nada.

Lá tu fazes a maior editora».

Não. Vou resistir.

Eles vão-se embora e eu vou ficar

soas, entretidos pelo lugar que ocupam, em todos os partidos. Come-morou-se o meu aniversário dos 80 anos. Estavam lá Mário Soares, Freitas do Amaral, Adriano Moreira, 2 ou 3 do PS...

Nos seus 84 anos, não se sente desactualizado?

Não me pesa nada a idade. Sou um homem de vanguarda, não ceticista relativamente às modernidades. A Internet não é uma ameaça à edição se não houver livros não se pode vender, não é? É uma outra maneira de vender. É como os mailings, que dantes não existiam. Fiz o primeiro do país, com 50 mil entradas. Introduzo a colecção decimal dos livros por colecções, são coisas que me lembro, percebe?

A que é preciso resistir hoje?

É uma pergunta muito simples. Vou responder-lhe com uma afirmação que parece não ter a ver com isso. Nunca me embriaguei na vida. Nem com vinho, mulheres ou dinheiro. Tenho é a consciência da importância do dinheiro. As tipografias clandestinas foram montadas com materiais que é preciso obter. Com dinheiro. As revoluções fazem-se com

armas. E para ter armas é preciso comprá-las. Para as comprar é preciso ter dinheiro. É fundamental para a pessoa ter uma certa liberdade. Com mulheres também não me embriaguei. E amei. Não me embriago com o que é moderno - o telemóvel, a internet. É bom que se faça. Mas penso que resisti a tudo isto.

Porque carrega nos erres?

Nasci assim. ■

Sou um homem que ama a liberdade, a democracia: Fico desgostoso com certas coisas que se fazem por estratégia partidária. Eu, durante toda a minha actividade política só dei, não recebi. E dar não tem para mim outro significado senão estar a contribuir

Oceanário de Lisboa

Eu a brincar com um dos peixes mais venenosos do mundo.

Quando contar aos meus amigos, provavelmente não vão acreditar. Bom, mas para os mais incrédulos tenho aqui uma prova. Não imaginam o que é estar a milímetros de espécies que apenas tinha visto na televisão. E acreditem que é muito diferente. Mas o mais espantoso é estar nos seus habitats naturais, ver como vivem na realidade. Estas sim, são as provas que mais me interessam. As sensações que tive no maior Oceanário da Europa. E para mim o melhor do mundo.

Leve do Oceanário algo mais do que recordações.

Mecenas do Oceanário de Lisboa

TELECEL 7

PARQUE DAS NAÇÕES

www.oceanario.pt  
Linha de Informação Telefónica:  
21 891 70 02